

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

Primeiras Imagens de Alexandre, o Grande, em Roma

Marilena Vizentin*

O objetivo desta comunicação é, em linhas gerais e à luz da tradição textual, fornecer uma primeira sistematização da introdução do mito de Alexandre, o Grande, em Roma, bem como sua interpretação e apropriação pelos dirigentes romanos. Levando-se em consideração que a figura do Conquistador perpassa vários séculos de história¹ e que as fontes antigas que lhe fazem referência são inúmeras, além de se tratar de tema já especulado por obras consagradas (como, por exemplo, GOUKOWSKY, 1978 e 1981; TREVES, 1953; BIEBER, 1974, entre muitos outros), é importante frisar que a leitura da imagem de Alexandre feita pelos romanos dá margem a interpretações pouco exploradas pela historiografia especializada, principalmente aquela que concerne à investidura de características tidas como romanas ao imperador macedônio. Tais características serviriam, numa primeira instância, seja para dar vazão aos anseios da elite política, seja para que ele próprio, Alexandre, fosse compreendido e aceito pelos demais grupos que compunham a sociedade de então. O mito de Alexandre o Grande seria, pois, introduzido em Roma como sinônimo de poder, e por muitos séculos sua interpretação sofrerá alterações significativas, pois muitos foram os que dele fizeram uso.

O período dessa influência estende-se, como já apontado, por cerca de cinco séculos, de maneira que um recorte se faz absolutamente necessário. Como em cada época é perceptível uma variação na recepção romana da imagem alexandrina, esta análise procurará enfatizar aqueles momentos em que o debate em torno dessa influência adquire maior significado. Por ora, traçaremos um panorama geral da presença de Alexandre no mundo romano anterior ao Principado.

É preciso reconhecer, antes de qualquer consideração outra, que a existência de um “mito” de Alexandre pressupõe uma elaboração e um desenvolvimento que visam ao atendimento de certos propósitos. Parte da historiografia vê essa elaboração como tendo sido engendrada pelo próprio Alexandre (GOUKOWSKY, 1978 e 1981 e SCHWARZENBERG,

* Marilena Vizentin é mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e desde 2002 atua como Editora Assistente da Editora da USP.

¹ Em Roma, a primeira *imitatio Alexandri*, como se verá mais adiante, se dá com Cipião. Essa imitação estende-se até Alexandre Severo, no século II (Ceausescu, 1974, p. 168).

1975, por exemplo), com objetivos claramente políticos. Ele deixou-se, nesse sentido, nomear filho de Zeus ou de Júpiter, porque assim se aproximaria da concepção que os próprios egípcios tinham da realeza; o mesmo em relação aos trajes orientais que costumava exibir depois da conquista da Pérsia, pelo simples fato de que, agindo desse modo, se tornava familiar àqueles que deveria governar.

Outros autores encontraram indícios de que essa criação tenha se dado apenas depois de sua morte (BIEBER, 1974 e POLIGNAC, 1999), quando os Ptolomeus, principalmente, passaram a fazer uso da imagem de Alexandre para firmar-se no poder. Seja qual tenha sido a época da elaboração desse mito, porém, o fato é que sua existência era sensível, a ponto de ter sido introduzido no mundo romano.

A primeira notícia que se tem de Alexandre em Roma está ligada à atuação do rei do Epiro, Alexandre Molosso, irmão da mãe de Alexandre, Olímpia, junto aos tarentinos, na ocasião em que estes empreendiam guerra com os brutenos (Justino, *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeyo Trogo* XII, 2, 1). Disposto a ajudar os tarentinos nessa luta, o Molosso coloca-se, tal qual o Conquistador, como aquele a quem estaria destinada a formação de um grande império no Ocidente, da mesma forma que o fizera Alexandre, o Grande, no Oriente (Tito Lívio, *História de Roma* IX, 19). Por essa razão, é com certo receio, para não dizer medo até, que os romanos acolhem, neste primeiro momento, a imagem de Alexandre, pois o encaram como uma ameaça à sua soberania.

Por essa mesma época (fim do século IV a.C.) há notícias de uma suposta embaixada romana empreendida rumo ao Oriente, cujo intuito era render homenagens a Alexandre (mencionadas por Clitarco, na *História de Alexandre Magno* e, posteriormente, por Arriano, na *Anábase*). Há poucos elementos concretos de que esse episódio tenha de fato ocorrido, de modo que a introdução desse tema (o contato do Oriente com o Ocidente) deve ser vista apenas como o desejo, por parte de determinados círculos, de que Alexandre fosse tido como o *cosmocrator* por excelência, devendo, nesse sentido, aos olhos dos romanos, aparecer como um chefe de Estado bastante prestigioso e admirável. O fato de ser apresentado como um governante dotado de atributos especiais, portanto, contribui, de alguma maneira, já nesse período, para uma certa “idealização” de sua imagem, pois acaba por se tornar “qualquer coisa de irreal, de misterioso” (MARQUAILLE, 1996, p. 5).

Na literatura latina propriamente dita, o nome de Alexandre é citado pela primeira vez em Plauto (MOSTELLARIA, vv. 775-777), que faz menção a ele como símbolo da glória militar. Na literatura grega, contribuem para uma visão favorável de Alexandre os escritos de Ptolomeu, Aristóbulo e Clitarco. Por meio desses textos, os romanos têm contato então com

um soberano corajoso, generoso e, sobretudo, “universal”, uma vez que foi o primeiro a conseguir agregar sob uma mesma égide diferentes povos e nações. Trata-se de uma visão heróica de Alexandre, e é por esse viés que Roma permitirá a sua entrada na vida na cidade. Apesar do temor que ele representava da volta do regime monárquico, sua condição de herói patriótico o alçava à condição de modelo desejável, especialmente depois das vitórias alcançadas na luta contra Cartago.

É a partir dessa situação que Cipião, o Africano, será o primeiro a proceder a uma verdadeira *imitatio Alexandri*, e é Tito Lívio quem aponta para os indícios dessa imitação (XVIII, 39). Ao se fazer coroar como Júpiter Capitolino, é a Hércules que Cipião se reporta, numa clara referência à descendência divina de Alexandre. Outro *topos* considerado como elemento constitutivo da *imitatio Alexandri* é o da sua concepção. Segundo Plutarco (*Vidas Paralelas*, “Alexandre” 2), Olímpia, mãe de Alexandre, teria sido fecundada por uma serpente, encarnação mesma do divino, na noite de suas núpcias. O reflexo exato dessa lenda é reproduzido por Tito Lívio (XXVI, 19), ao relatar os passeios de Cipião no Capitólio, quando este tinha de tomar alguma decisão importante.

Além dessas, Tito Lívio menciona várias outras situações em que ficam patentes as correlações de Cipião com a lenda do Conquistador, pelo que é muitas vezes seguido de Políbio (*Histórias*). Em todas elas, a aproximação que o general romano pretende fica muito evidenciada: “a de um desejo de divinização que experimentarão, por sua vez, as grandes figuras da Roma republicana” (MARQUAILLE, 1996, p. 10). O Alexandre mítico admirado pelos romanos como herói digno de respeito passa a ser caracterizado, a partir de Cipião ainda, como personagem histórico atuante, alguém que, além de ter promovido mudanças fundamentais na Grécia e no Oriente, imprimiu sua própria personalidade ao regime político e social em vigor. Em vista disso, portanto, aquele Alexandre outrora reverenciado passa a ser considerado, como dito anteriormente, uma ameaça do ponto de vista político, pois suscitou no Senado romano o perigo da tirania (CEAUSESCU, 1974, p. 153).

Com a incursão de Roma rumo ao Oriente, a imagem de Alexandre tornar-se-á cada vez mais dúbia e controversa: se por um lado suas façanhas militares serão admiradas pelos generais romanos, entre eles Mário e Sula, por outro estará sempre em xeque o seu desejo de divinização, de subserviência dos súditos, de concentração de poderes, aspectos estes irreconciliáveis com o *mos maiorum* romano.

Depois de Cipião, é Pompeu quem vai buscar se aproximar da imagem do macedônio, o que acabou lhe valendo, inclusive, o cognome “Magno” (Plutarco, “Pompeu” 19 e 22). Fala-se mesmo de um “tropismo” por parte de Pompeu, tamanha a recorrência das

situações alusivas à vida e aos feitos de Alexandre. Dentre estas, podem ser citadas, entre outras, a semelhança física associada à juventude (Plutarco, “Pompeu” 2), também apontada em “Pompeu” 33 e por Plínio, *História Natural* VII, 95 e XXXVII, 14; as façanhas, especialmente em relação à fundação de numerosas cidades, e a popularidade do general junto a seus soldados. A consequência natural dessas aproximações será a assimilação de Pompeu, tal como Alexandre, a Hércules e a Dioniso, o que o levará a desempenhar as funções de um verdadeiro *cosmocrator*, papel este que, pela primeira vez, enfatizará muito mais o luxo e a suntuosidade oriental do império alexandrino do que suas pretensas qualidades de agregação de diferentes povos sob um único comando.

A *imitatio Alexandri* empreendida por Pompeu ficará marcada, todavia, pela necessidade da vitória como elemento essencial do poder, ou seja, pela “idéia de que a vitória militar confere a certos indivíduos da elite a plenitude do poder num país conquistado e lhe dá o direito a um *status* sobre-humano” (MARQUAILLE, 1996, p. 19), idéia esta que vai ao encontro da imagem oferecida pelo *imperator* romano, grandemente aproveitada pelos imperadores ao longo do Principado.

Esta não é, por exemplo, uma questão que estará presente na imitação pretendida por Marco Antônio, apesar de tanto ele como Pompeu terem se voltado para Alexandre em função das incursões romanas no Oriente. Com Marco Antônio, Roma terá oportunidade de conhecer um novo Alexandre, muito mais místico do que ele certamente teria sido.

Marco Antônio, ao contrário de Cipião, que reconheceu as características de um personagem histórico em Alexandre, vê no Conquistador muito mais o seu caráter divino do que o humano. Uma das atitudes que toma, ao enveredar por esse caminho de interpretação, é fazer-se aclamar como o próprio Dioniso (Plutarco, “Antônio” 24).

Ademais, faz-se representar como Alexandre em suas cunhagens monetárias (valendo-se, mais uma vez, entre outros, do *topos* da serpente); procura reorganizar o Oriente tal como Alexandre o fizera; passa a igualar suas vitórias às do Conquistador; assim como aproximar o valor dos chefes militares romanos às conquistas realizadas pelo macedônio. Tal como Cipião, são o fausto e a suntuosidade oriental que estarão em destaque, além do indelével desejo de divinização. O objetivo de Marco Antônio, na prática, era fazer crescer a zona de influência de Roma no Oriente valendo-se seja de elementos romanos, seja de orientalistas, o que, em última instância, foi muito mal compreendido pelas elites da capital do mundo, especialmente daquela que compunha o Senado. Some-se a isso a ativa propaganda de Otávio em prol da soberania romana e chega-se à conclusão de que, para aqueles que representavam Roma naquele momento, o modelo escolhido por Marco Antônio

consistia num equívoco, pois entendem isso, uma vez mais, como ameaça à sua acalentada soberania e a seus costumes. É a partir desse momento, depois de ter sido consagrada por seu uso no caso de Marco Antônio, que “a terminologia depreciativa foi aplicada a Alexandre”, pois “os meios senatoriais romanos viam e incriminavam justamente os príncipes que, abandonando o comportamento cívico, agiam como *domini*” (CEAUSESCU, 1974, p. 163).

Como decorrência, portanto, da propaganda infligida pelo partido de Otávio em seu combate ideológico contra Marco Antônio, surgem as primeiras reservas, de fato, à figura alexandrina, reservas que estarão grandemente presentes nos escritos de Cícero, como em *Dos Deveres*, II, 15, 53 e em *Tusculanae Disputationes* V, 91. Todas elas atacam o aspecto moral da vida de Alexandre. Para Cícero, trata-se de um homem de paixões nefastas e de vida desregrada, características essas que não condizem com as atividades de um general. Cícero pode ser considerado, a bem da verdade, o primeiro a expressar os anseios da corrente estoíca, filosofia adotada pelos círculos senatoriais já no século I d.C. e abertamente contrária à idéia de que Alexandre fosse tomado como exemplo a ser imitado por um bom governante.

Da análise de suas obras, no entanto, infere-se uma certa oscilação em sua opinião relativamente a Alexandre. Se, por um lado, reprova a ausência de valores morais no Conquistador, como se pôde observar, por outro admira a sua incontestável atuação nas campanhas militares que empreendeu. Nas *Filípicas* (V, 48), exalta que o valor de um homem não está nos anos vividos, mas sim nos atos que praticou, e, como exemplo disso, cita o fato de Alexandre ter morrido com apenas 33 anos, ao passo que o prestigioso cargo de cônsul, em Roma, só podia ser atingido aos 43; em *Acadêmica*, II, 3, reconhece o valor militar de Alexandre; e, finalmente, só para ficarmos em apenas mais uma passagem, em *Ad Familiares*, II, 10, 3, expressa o orgulho de ter sido nomeado *imperator* no mesmo local da Batalha de Isso, onde Dario havia sido batido por Alexandre. A grande dicotomia fica, portanto, evidente no fato de Cícero, ao mesmo tempo em que admira os feitos de Alexandre, reprova-os, pois estes não foram praticados dentro do tempo esperado, ou seja, não seguiram o *cursus honorum*, tão caro aos romanos. “A imagem do *cursus* é, pois, a imagem da ordem, incondicional ao equilíbrio do sistema político romano” (MARQUAILLE, 1996, p. 25), daí as reservas expressas por Cícero. Alexandre, embora digno de admiração pelos seus feitos, não poderia servir de modelo aos romanos, pois não tinha ascendência moral para isso.

Será a partir de Júlio César, todavia, que as reservas à imagem de Alexandre ganharão maior relevo, pois a aproximação, no caso do conquistador da Gália, se dará explicitamente em prol da realeza, regime este, como já afirmado várias vezes, por séculos repudiado pelos romanos.

Nas *Vidas Paralelas*, de Plutarco, em que são comparadas as vidas de Alexandre e de César, os pontos de encontro entre os dois personagens são inúmeros. Dentre eles, destacam-se o amor pela glória, a clemência e o desejo comum de seguir adiante². Tais aproximações são, como seus temas em si mesmos revelam, bastante favoráveis a ambos, o que também pode ser inferido a partir do conhecimento que se tem da simpatia de Plutarco seja por Alexandre, seja por César, mas notadamente pelo primeiro. Paralelos como esses podem ser encontrados em outras fontes ainda, como em Suetônio (“Vida de César” VII), que prossegue com a mesma comparação em LXI, embora, nesta passagem, a alusão seja menos explícita, pois a semelhança aqui é marcada pela montaria de ambos os generais. Somem-se, ademais, Apiano (*Bellum Civile*, II, 21, 149) e Dião Cássio (*História Romana*, XLIII, 45, 3), cujas obras aproximam também, de alguma forma, César a Alexandre.

Em todas essas alusões, sobressaem-se as idéias de valor militar e da preferência dos deuses, que César procurará dosar em sua atuação como *dictator*, dentro dos limites de Roma, e como *imperator*, ou, melhor dizendo, *rex*, no âmbito das províncias. Ao tentar suplantar o prestígio quase sobrenatural do *imperator* e elevar seu poder quase que à aura mística de Alexandre, o *rex* por excelência, César volta, porém, a afligir os romanos com a ameaça do regime monárquico, o que resultou, de fato, na sua morte. Quando Cícero, portanto, admoesta Alexandre em seus escritos, na verdade é a César que ele se dirige, pois acreditava que a sombra do macedônio estivesse rondando os projetos deste, e que a realeza representada por Alexandre não poderia inspirar senão grandes males para o povo romano. Assim, à imagem do herói digno de admiração sobrepõe-se a do *rex* e, com ela, tudo aquilo que Roma não desejava para si.

César foi, apesar de tudo e de seus contemporâneos, aquele que, até aquele momento, mais teria se aproximado do projeto de Alexandre. Seu objetivo não era apenas o de uma mera *imitatio*, mas mais o de uma *emulatio*, pois, ao mesmo tempo em que imitava, buscava suplantar o modelo original, estabelecendo, assim, um novo paradigma. Tal como Alexandre, César entendia o Império Romano como algo que deveria estar em constante mudança e expansão. Sua grande dificuldade foi não apenas as reservas que alimentavam o imaginário do povo romano em relação ao regime monárquico, como também a idéia de assimilação, ou helenização, a que teriam, de algum modo, de aceder. Caberá aos imperadores posteriores, por sua vez, completar esse quadro, contribuindo com novos elementos que pudessem estabelecer um cânone da imagem de Alexandre em Roma.

² Como nas seguintes passagens, respectivamente: “Vida de Alexandre”, 4 e “Vida de César”, 17; “Vida de Alexandre” 12 e “Vida de César”, 34; “Vida de Alexandre” 26 e “Vida de César”, 58.

Ao longo desses três séculos, aqui rapidamente esboçados, a imagem alexandrina aparecerá, assim, matizada por inúmeras cores e constrangida por diversos símbolos. Cada um a seu modo dará à figura do macedônio uma tonalidade diferente sem nunca, no entanto, trair completamente o desenho original. Herói, conquistador, vencedor do Oriente, Dioniso reencarnado, Alexandre nunca foi o mesmo. Tenha sido ele condenado ou adulado, o fato é que acabou parte da memória romana, impregnando-se nos âmbitos político, literário e artístico. E é assim que ele será apresentado ao novo regime político que se instaura ao final do século I a.C., regime este que dele fará tantos usos quanto possíveis são as interpretações de seu mito.

De Otávio Augusto a Alexandre Severo, último imperador ainda a estabelecer ligações com o modelo alexandrino, a imagem do Conquistador introduzida no mundo romano e que até então sofrera múltiplas alterações, continuará a desempenhar papel importantíssimo na caracterização dos dirigentes da Cidade Eterna e, ao longo do Principado, também estabelecerá relações bastante díspares com cada um deles³. É Otávio Augusto, todavia, quem melhor caracterizará a figura de Alexandre, trazendo-o muito próximo do que teria sido na realidade. Ele “reintroduzirá Alexandre, em Roma, de forma oficial, mas como a de um rei civilizado que conquistara as terras bárbaras, longe da imagem anti-romana criada pelos diádocos. A habilidade de Augusto estará em colocar tudo, inclusive Alexandre, sob a égide da cultura latina, da tradição senatorial” (QUARANTA, 1998, p. 34).

Apesar de um início tumultuado, em que contribuiu sobremaneira para a degradação da imagem de Alexandre, visto a interpretação que Marco Antônio havia feito dele, aos poucos se percebe uma grande admiração por parte deste *princeps* em relação ao Conquistador. As referências a ele são incontáveis, assim como incontáveis são as atitudes de Otávio em prol de uma restauração da figura do macedônio.

Um dos primeiros sinais dessa empatia, largamente mencionada na historiografia, foi registrada por Dião Cássio (LI, 16, 5) e também por Suetônio (*Vida de Augusto*, XVIII).

Depois disso, à medida que os anos avançam e a lembrança de Marco Antônio se torna mais tênue, com a consolidação do Principado e a aceitação, por parte do povo romano, de que a concentração de poderes nas mãos de um único homem não desencadearia, necessariamente, a morte do todo social, a imagem do herói protetor ressurgiu das cinzas republicanas e ganha corações e mentes. Não é o “glamour” que Otávio Augusto anseia para seus atos, tal como Marco Antônio, ao invocar a lembrança de Alexandre, mas sim a

³ Impossível não se remeter, a este respeito, à Atas do IV Colóquio Internacional da Sociedade Internacional de Estudos Neronianos (Sien), organizada por Croisille, 1990.

restauração do Alexandre histórico, um homem cujo maior feito foi ter promovido a aproximação do Ocidente ao Oriente. Por essa via, Otávio Augusto não imita Alexandre, mas cultiva sua imagem fazendo dela a sua própria, dando assim a medida do seu próprio poder. “Admiração não é sinônimo de *imitatio* declarada e manifesta” (QUARANTA, 1998, p. 34).

Otávio Augusto não se furtará, todavia, assim como seus antecessores, a evocar uma certa similitude no que diz respeito aos *topoi* característicos do mito de Alexandre, embora nunca tenha incorporado os maneirismos dos imitadores deste. Assim, sua ascendência divina será posta em destaque (SUETÔNIO, “Vida de Augusto” 4 e 94), da mesma forma que suas conquistas (VIRGÍLIO, *Eneida*, vv. 801-805), entre outros. No caso de Virgílio, mesmo que o nome de Alexandre não seja mencionado sequer uma única vez em toda a *Eneida*, é evidente a proximidade entre as personagens. Este “silêncio” será interpretado como uma forma encontrada por Augusto para suplantar o modelo original, estabelecendo sua superioridade em relação a Alexandre (MARQUAILLE, 1996, cap. 2, p. 8). Veja-se, a título de exemplo, Horácio, que não hesitará em opor a grosseria de Alexandre ao bom gosto de Augusto (*Ep.* II, 1, 232).

Será Augusto também quem inaugurará uma “arte oficial” sobre Alexandre. A partir da imagem que dele pôde observar em sua visita a Alexandria, colocará estátuas do Conquistador no fórum romano, além de conservar efígies e outras lembranças (QUARANTA, 1998, p. 40). Sua intenção era fornecer uma imagem mais objetiva de Alexandre, reconhecendo nele seus defeitos, mas também suas qualidades. Com Augusto, portanto, a *imitatio* e a imagem deixam de se confundir, ficando marcada, nesse sentido, a ascendência do romano sobre o macedônio.

Depois de Augusto, apenas Trajano conduzirá de maneira racional a inspiração que Alexandre sempre provocou. Com ele, o Conquistador voltará novamente a ser retratado como um soberano ideal, já que, nesse meio tempo, prevalecera a corrente estóica senatorial, absolutamente contrária à idéia de alguma aproximação com o Oriente helenizado, pontuadas por imitações fanáticas e caricaturais da parte de alguns imperadores (como Calígula e Nero, entre outros). Após Trajano, o mito deixa então de ser apenas um componente do quadro de mentalidades romano e passa a atingir o Estado no que ele tem de mais essencial.

Bibliografia citada

BIEBER, Margarete. *Alexander the Great in Greek and Roman Art*. Chicago, Argonaut, 1974, entre muitos outros.

- CEAUSESCU, Petre. “La double image d’Alexandre le Grand à Rome. Essai d’une explication politique”. *Studii Clasice*, XVI, 1974.
- CÍCERO. *Dos Deveres*. Trad. de Angélica Chiapeta. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- CROISILLE, J. M. (org.). *Neronia IV. Alejandro Magno, Modelo de los Emperadores Romanos*, Bruxèlles, Latomus, 1990, pp. 266-276.
- GOUKOWSKY, Paul. *Essai sur les origines du mythe d’Alexandre*. Nancy, 1978 (I) e 1981 (II).
- MARQUAILLE, Celine. “Les vicissitudes de l’*imitatio Alexandri* où la force d’une image contre Rome”. In John J. Popovic, *Alexander the Great of Macedon from History to Eternity*, 1996 (versão eletrônica).
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Trad. de Gilson César Cardoso. São Paulo, Paumape, 1992.
- POLIGNAC François de. “From the Mediterranean to Universality? The Mythe of Alexander, Yesterday and Today”. *Mediterranean Historical Review*, vol. 14, n. 1, jun. 1999, pp. 1-17.
- QUARANTA, Ettore. *A Imagem de Alexandre na ‘Anábase’ de Arriano*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 1998.
- SCHWARZENBERG, Erkingen. “The Portraiture of Alexander”. In *Alexandre le Grand. Image et Réalité*. Genève, Vandoeuvres/ Fondation Hardt, 1975, pp. 223-268.
- SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares*. Trad. de Sady-Garibaldi. São Paulo, Editouro, s/d.
- TITO LÍVIO. *História de Roma*. Trad. de Paulo Matos Peixoto. São Paulo, Paumape, 1990.
- TREVES, Piero. *Il Mito di Alessandro e La Roma d’Augusto*. Milano/ Napoli, Riccardo Ricciardi, 1953.